

A AURORA DO LIMA

DECANO DOS JORNAES DO MINHO, Bi-semanario INDEPENDENTE

(O 1.º numero sahfu a 15 de Dezembro de 1855)

Director e proprietario — Bernardino F. Pereira da Silva
Editor — João de Passos Correia

Redacção e administração, Rua da Picota, 21. Composição e impressão,
— — — — — typogr. Commercial no mesmo prédio. — — — —
Anuncios, 400 réis a linha; repetição, 300 rs. Aos ara. assignantes 20 0/0
de desconto. Assignaturas: por anno em Vianna 6000, fóra 7000 rs.
Brazil, 20000 rs. (Avulso, 150 rs.) — Anuncios, na 1.ª pagina, 800 rs. a linha

HOMENAGEM A ROSALÍA CASTRO

IN LIMINE

Mais uma vez, o Instituto Histórico do Minho rende o seu preito de homenagem à Galiza.

Fazendo-o, põe neste gesto, como sempre, toda a sinceridade e todo o patriotismo de que são capazes os leais Portugueses que o constituem.

Tem a Academia Minhota recebido daquela terra-irmã tantas provas de verdadeira amizade e de carinhoso apreço, que se julga no dever de confessar publicamente o affecto e o reconhecimento que a ligam a essa provincia do nobre país vizinho.

A Real Academia Galega, os poetas, os prosadores, os artistas, a imprensa dêsse Minho da outra banda têm-se esmerado em patentear-nos os seus sentimentos de cordialidade e consideração pela forma mais inequivoca e mais fidalga, mais honrosa e mais penhorante — e este desvelar-se em extremos para connosco imperiosamente nos obriga a manifestações que, retributivas embora, são sobretudo gratas ao nosso espirito e ao nosso coração.

Amor amore compensatur. E' obrigação inclinável — e cumpre-se com intimo prazer.

Bem merece a querida Galiza este amor. Bem o merece, porque é eminentemente amável.

Como não havia de o ser uma terra que conta matemáticos como Durán Loriga; cosmógrafos como José Quiroga; químicos como Casares Gil; sociólogos como Noguerol; economistas como Failde; filósofos como Losada Diéguez; pensadores como Concepción Arenal!



ROSALIA CASTRO

Magnánimo corazón,
xeneroso e delicado,
espalle, foz ideal

DE MIM

AO GRANDE PORTA DA GALIZA,
ANTÓNIO NORIEGA VARELA

Sou um triste castelo ao pé dum mar brumoso,
Eternamente a ouvir histórias de naufrágios,
A voz do vento negra de preságios...

Sou velha cruz em ermo penhascoso,
Onde as aves da noite vão cantar
Embragadas de sombra e de luar...

Sou lívido pinheiro
Fantástico, a rezar na encosta dum outeiro,
Quando os vales solurnos escurecem
E as núvens, como sonhos esquecidos,
No céu empalidecem...
E em religiosos lábios doloridos
As boss tardes choram...
E pérolas de luz tremendo afloram
Naquêle etéreo manto de veludo,
Manto da Virgem Mãe de Deus cobrindo tudo...

Vivo da negra morte alegremente,
Que ante mim se alevanta imensa de ternura,
Como de encontro às bandas do Oriente
Ergue o Marão a trágica estatura...

Vivo da negra morte que me empeço
Na luz que detrás dos montes aparece;
No solurno perfil, à noite, dos penedos,
Na brisa a semear murmúrios e segredos...
Na aurora desmaiada,
Esse cadáver branco de afogada,
Boiando à flor de núvens cheias de água,
Com um lírio nas mãos desfeito em cinza e mágoa...
Em tudo o que me cerca de tristeza
E em meus olhos acende espiritual beleza:
Fantasma de anjo a voar, branca visão celeste,
Prateando, ao de leve, a rama do cipreste...
Uma sombra caída aos pés da cruz...
A morte já distante da agonia,
Extática, vestida em macerada luz,
Toda sonho, luar, melancolia.

TEIXEIRA DE PASCOAES.

SONETO